

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS
PORTADORAS DE DISTÚRBIOS DA PALAVRA

ODENI CORREIA RIBEIRO

Universidade Federal do Paraná

Setor: Educação

1986

TRABALHO

para

Conclusão do Curso de Especiali-
zação em Educação Especial .

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR EDUCAÇÃO

Curitiba - Paraná

1986

Trabalho de: ODENI CORREIA RIBEIRO

ORIENTADOR: Prof. Rosiléia

?

I N D I C E

	Pg.
Agradecimentos	1
Declaração Universal dos Direitos Humanos	2
PRIMEIRA PARTE	
1. Introdução	3
2. Justificativa	5
3. Formulação do Problema	6
4. Objetivo da Pesquisa	7
SEGUNDA PARTE	
1. Sumário	8
2. Capítulo I	
A Percepção Auditiva e a Linguagem	9
3. Considerações sobre os vários métodos de Alfabetização e Ênfase no Processo de Percepção:	
3.1. Método Analítico Sintético	12
3.2. Método Global	12
4. Capítulo II	
O Valor da Percepção Auditiva para a Aprendizagem da Leitura e Escrita	13
5. Capítulo III	
Relação dos Distúrbios da Fala com os Distúrbios da Articulação e Respiração	15
6. Relação entre Distúrbios da Fala e da Língua e Lábios	16
7. Relação entre Distúrbios da Fala e Esquema Corporal	18
8. Relação entre Distúrbios da Fala e Relaxação ...	19
9. Capítulo IV	
A Reabilitação Escolar do Deficiente Auditivo ..	20
10. Considerações sobre as Experiências tidas durante o Desenvolvimento das Atividades Profissionais .	21
11. O Trabalho dos Pais, diante de Filhos Deficiente Auditivos.....	23

12. Capitulo V	
Considerações Finais	24
13. Conclusões	25
14. Referências Bibliográficas	26

AGRADECIMENTOS

- Aos meus Famíliares , pelo estímulo e compreensão durante meus estudos.

- Aos meus Professores , pelo apoio e orientação para o meu trabalho.

- Aos meus Alunos , pela vivência profissional que me oportunizam.

1 - Ao nascer, a região bucal de uma criança se limita às funções de respiração, sucção, deglutição e regurgitação, desenvolve-se a partir daí, uma área sensível ao barulho. Se durante as primeiras semanas a criança suga mal é necessário cuidados especiais para que não surja a incoordenação dos lábios, língua e faringe. A criança pode sufocar-se pelo movimento incorreto dos músculos da deglutição.

Criar um filho deficiente auditivo, envolve angústias e problemas adicionais aos pais. Nesse sentido é necessário orientá-los para a aceitação e necessidade da educação especial e a darem o acompanhamento à essa educação de maneira sistemática no lar e na escola.

A linguagem de uma criança tem grande relação com o ambiente familiar. Se ela cresce num meio falante, onde lhe é dispensada muita atenção, ela tem maior facilidade para aprender o falar; para se expressar. Por outro lado / embora influenciada por esse meio, a linguagem depende do desenvolvimento mental para sua estruturação.

Para a criança com capacidade auditiva diminuída, toda essa sistemática se altera, pois lhe falta a resposta auditiva, o ouvir o próprio babucio. Ouvir os outros, não lhe é possível; surgem então os mecanismos auxiliares para a comunicação, absolutamente necessária entre os seres.

Quando a criança escuta bem, ela sente-se motivada a prosseguir nos ensaios da fala. Ela emite um som e o repete só pelo prazer de ouvir a si própria e aos outros. Aos poucos ela começa a compreender e guardar recordações auditivos e visuais que mais tarde lhe permitirão a expressão espontânea. Nessa fase ela já sabe que tem um nome e atende ao ser chamada; compreende ordens simples que exijam ação; exemplos:- me dá, não quero.

Por volta dos 15 meses, surgem as primeiras palavras frases, exemplo: quero água.

Dos 18 meses aos 2 anos, pode compreender nomes de objetos familiares e mostrar, nomeando partes de seu

corpo.

Aos 2 anos e meio a linguagem se socializa através de perguntas e aos 3 anos é capaz de participar efetivamente da vida de casa, de familiares e amigos. Ela já está com uma linguagem clara e poderá, aos quatro anos, ingressar num jardim de infância e por a prova tudo o que nela foi organizado.

A deficiência ou carência da fala, acarreta um problema de ordem psicológica e social. Na ausência da palavra falada, a criança não pode se comunicar com pessoas, com facilidade, ficando assim com idéia muito limitada do mundo que a cerca.

Não podendo perguntar, quase nada lhe será esclarecido e a fase dos "porques?" passará sem muitas respostas, limitando assim, os conceitos da criança deficiente / auditiva. Por outro lado, o desenvolvimento intelectual / também sofre alterações pela falta da formação de conceitos e sofre atrasos com isto.

A maturidade no ser humano atravessa uma série de etapas evolutivas. As crianças deficientes necessitam de uma ajuda mais sistemática e dirigida para que possam crescer dentro de uma certa harmonia.

Ao entrar na fase de alfabetização, observa-se / que a criança que teve problemas após o nascimento quanto a estimulação dos músculos que coordenam a região bucal associada ao déficit auditivo, vai apresentar uma série de problemas de aprendizagem ligados a deficiência da fala e de seu processo de comunicação.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela experiência vivida pela pesquisadora, durante muitos anos de trabalho na alfabetização, e pela necessidade de aprofundar seus conhecimentos em relação a alunos que dentro de uma classe normal, apresentam problema quanto a audição e as dificuldades encontradas na época para adquirir estratégias pedagógicas que viessem facilitar a aprendizagem dos mesmos.

Se destina aos profissionais que direta ou indiretamente atuam com crianças portadoras de distúrbios de linguagem, proveniente de deficit auditivo, mas com prioridade aos alfabetizadores que dedicam toda sua vida a esse trabalho árduo, mas fascinante; complexo, mas compensador.

Não se trata de criar algo novo, mas sim de analisar o que se tem feito, e como se tem feito; e o muito que se pode fazer, contribuindo para melhorar o trabalho com a criança deficiente.

Segundo Montessori " A educação não é aquilo que o mestre dá, mas sim, um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano. A educação não se adquire escutando, mas através de experiências efetuadas / no ambiente da criança."

A constante busca e indagação à respeito do mais eficiente trabalho, norteia essa pesquisa que tem por alvo, discutir e revisar os caminhos da alfabetização do deficiente auditivo.

புதுச்சேரி, 15.05.2018

O problema central desse estudo é a importância da alfabetização do deficiente da fala.

Uma alfabetização bem feita, contribui para o sucesso do estudante, pois sabe-se o quanto marca a primeira impressão, o primeiro contato com a escola e professor, na vida da criança.

Quanto ao aspecto pedagógico, vale salientar que os pequenos vícios adquiridos numa alfabetização superficial são difíceis de serem eliminados numa criança normal e muito mais numa criança com problemas na fala em decorrência de deficiência auditiva.

OBJETIVO DA PESQUISA

Evidenciar através do referencial teórico e das /
experiências vivenciadas, a necessidade de revisão contínua
nos processos pedagógicos de educação especial, no que se /
refere a alfabetização do deficiente auditivo, fornecendo e
lementos para o professor especialista, tornando assim a es
cola mais próxima das aspirações e esperanças do indivíduo
e da sociedade.

SUMÁRIO

CAPITULO I

- 1 - A Percepção Auditiva e a Linguagem...
- 2 - Considerações sobre os vários Métodos de Alfabetização e Ênfase no Processo da Percepção.
 - 2.1 - Método Analítico Sintético.
 - 2.2 - Método Global.

CAPITULO II

- 1 - O Valor da Percepção Auditiva para a aprendizagem da leitura e escrita.

CAPITULO III

- 1 - Relação dos Distúrbios da Fala com os Distúrbios da Articulação e Respiração.
- 2 - Relação entre Distúrbios da Fala e da Língua e Lábios.
- 3 - Relação entre Distúrbios da Fala e Esquema Corporal.
- 4 - Relação entre Distúrbios da Fala e Pelaxação.

CAPITULO IV

- 1 - A Reabilitação Escolar do Deficiente Auditivo.
- 2 - Considerações sobre as experiências tidas durante o desenvolvimento das atividades profissionais.
- 3 - O Trabalho dos pais e filhos deficientes auditivos.

CAPITULO V

- 1 - Considerações finais.
- 2 - Conclusões.

A PERCEPÇÃO AUDITIVA E A LINGUAGEM

De acordo com Teplov (1966, pg. 101 - 102) na percepção dos sons das palavras:-

" As sensações auditivas caracterizam-se por sua percepção timbrística de altura, ou seja, em que os componentes do timbre não se diferenciam dos componentes da altura propriamente ditos!"

Diz ainda esse autor que na audição das palavras / se pode sentir o movimento sonoro para cima e para baixo, ainda que não seja o tipo de movimento de altura no sentido musical.

Mas, é essa característica timbrística de altura / dos sons que permite que se perceba e reproduza a melodia / da palavra e a entonação própria da língua.

Também afirma Teplov (1966, pag. 106-111) que:-
" A diferença entre a audição da palavra e a audição da música, consiste no fato de que a sensação imediata do movimento das alturas constitui a essência mesma da audição musical, enquanto que na audição da palavra, ela é apenas um fator acessório.

Na percepção da palavra, o importante é compreender o sentido, e não a curva melódica da mesma, ou a dinâmica da sua pronúncia.

Considera-se por exemplo, que a dificuldade para a aquisição da fala e também para a aprendizagem da leitura e escrita se deve, em geral, a defeitos de percepção auditiva, no que se refere a discriminação dos sons e das letras. (Queirós 1971).

Kocher, (1966, pg. 13 - 78) em sua obra sobre reeducação dos transtornos da leitura, afirma que:-

" Ainda que a criança tenha uma agudez auditiva normal, pode apresentar defeitos de percepção auditiva. Por exemplo, pode não distinguir os fonemas que acusticamente são muito próximos como *p - b*, *t - d*, *f - v*, etc, e diz "nesses casos de confusão entre consoantes surdas e sonoras deve-se fazer com que a criança perceba que há uma diferença auditiva entre os dois sons, que o som do */b/* é sonoro (can

ta) e que o som do /p/ não é sonoro."

Ele ainda comprovou que, quando ocorrem essas dificuldades na análise auditiva dos sons da palavra, essas também se manifestam fora da atividade verbal.

Por isso o fracasso na reprodução de estruturas rítmicas por imitação puramente auditiva ocorrem quando as batidas são feitas fora do alcance visual da criança.

(Morsink - 1972), Professora especialista na preparação de materiais de instrução, em Kentueky, sugere uma série de exercícios de discriminação auditiva, onde são empregados diferentes materiais:- blocos de madeira, vidrinhos, garfos, guizos, sinetas, etc.; os quais podem ter tamanhos iguais ou diferentes. Esses exercícios resumem-se em:-

a) Fazer distinção entre sons similares e entre sons diversos, quanto a característica de timbre e de altura.

b) Localizar o objeto que soou, primeiro em segundo, ou em segundo ou em último lugar, dentro de uma série.

Embora essa especialista não disponha de evidências que comprovem a ocorrência de uma transferência automática dos materiais concretos para os sons de letras abstratas, sua experiência tem demonstrado que esses exercícios tem sido muito úteis no estabelecimento da prontidão para a leitura.

Em levantamentos realizados, sucessivamente nos anos de 1951 (Hum mil, novecientos e cincoenta e um), 1952 (Hum mil, novecientos e cincoenta e dois) e 1953 (Hum mil, novecientos e cincoenta e tres), a pesquisadora Gonçalves (1972) encontrou que as deficiências que mais comumente se manifestam em alunos de 1ª Série, no período de alfabetização são de:-

- Coordenação visual-motora;
- Coordenação auditiva-motora;
- Percepção visual e auditiva;
- Controle motor;
- Fixação visual e auditiva imediata entre outras.

Nos dados apurados pela mesma autora, em 1953 (Hum mil, novecientos e cincoenta e tres), com 2.499 (Dois mil , quatrocentos e noventa e nove) sujeitos de 22 (vinte e dois) grupos escolares de Niterói - Rio de Janeiro, a deficiência

de percepção auditiva, embora se encontrando entre as de menor frequência apresentou uma incidência para mais de 30% / do total dos casos examinados.

Uma das hipóteses dessa pesquisa presumia ser possível melhorar o rendimento do ensino de 1ª Série, aumentando as taxas de progressão do 1º para o 2º ano, através da introdução de novos métodos de leitura e escrita, com base fônica

E também pelo atendimento às dificuldades mais comuns da criança à medida que elas fossem surgindo, ou então prevenindo o seu aparecimento por meio de recursos incluídos no próprio método de alfabetização. Assim nas escolas / onde se fez a pesquisa, foi utilizado o método " Misto" do tipo predominantemente sintético, que procura atender às dificuldades que o aluno enfrenta para ler e escrever, mediante os recursos fônicos e audiovisuais.

Esse método prevê entre outros exercícios, o de , fixar o som das letras e o de diferenciar um som de outros semelhantes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS VÁRIOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E ÊNFASE NO PROCESSO DE PERCEPÇÃO:

Método Analítico Sintético:-

O método Analítico Sintético, também conhecido por Fonético, inicia pela discriminação, identificação e fixação auditiva e visual das cinco vogais, as quais principiam ou finalizam com as palavras usadas na pequena história que serve como motivação.

Segue-se a identificação e a fixação progressiva / das consoantes que, logo combinadas com as vogais vão resultando nas sílabas, e a medida que as palavras se vão formando, pela junção das sílabas, faz-se a organização das mesmas em frases ou orações.

(Tuona, 1965)

Método Global:-

O Método Global, por sua parte, inicia com a apresentação de um texto como um todo. Só depois que a criança reconhece as várias orações separadamente, é que passa no reconhecimento de palavras dentro das diversas frases, procurando formar com elas novas orações.

Vencidas as etapas anteriores, as crianças são levadas a isolar sílabas dentro das palavras combinando-as para formar novas palavras, e finalmente passam para a análise do fonema.

(Tuona, 1965)

Esse estudo comparativo permitiu à sua autora concluir, após um ano escolar, que o Método Analítico-Sintético mostrou uma sensível superioridade sobre o Método Global, tanto na aprendizagem da leitura, como da escrita no sentido da ortografia

O VALOR DA PERCEPÇÃO AUDITIVA PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA :

As pesquisas até aqui comentadas, deixam transparecer a existência de uma implicação da percepção auditiva no processo de alfabetização.

Segundo Morency e Robison (1972), são ainda incompletos os estudos empreendidos para determinar e definir / que aspectos da percepção auditiva são essenciais ao desenvolvimento da competência na leitura e escrita.

Esses autores asseguram que a razão disso, se deve em grande parte aos instrumentos de mensuração empregados, os quais não tem sido suficientemente sensíveis para detectar esses mesmos aspectos e para verificar como eles realmente agem no mecanismo da aprendizagem da leitura e da escrita.

Wepman (1959) após 12 anos de experimentação com diferentes métodos de mensurações da habilidade da criança para diferenciar auditivamente unidades fonéticas, concluiu que:

Os atrasos no desenvolvimento da discriminação auditiva relacionam-se com a dificuldade de articulação e com a deficiência na habilidade da leitura.

Tompson (1963) numa investigação procurou determinar a relação dos escolares do teste de discriminação auditiva, aplicado antes dos sujeitos ingressarem no 1º ano e nos últimos meses do 2º ano, com o desempenho desses mesmos sujeitos no teste de leitura, ao final do 2º ano.

Os resultados desse estudo demonstraram em outros fatos, que:

- a) - A discriminação auditiva e a inteligência são altamente correlacionadas com o sucesso na leitura primária.
- b) - O desempenho dos sujeitos na readministração do teste de discriminação auditiva parece acusar que as cri

anças aumentaram sua habilidade de discriminação auditiva desde o tempo em que ingressaram no 1º ano.

c) - A falta de acuramento nessa habilidade (D.A.) é mais característica dos ingressantes no 1º ano, sendo que um acuramento da mesma se manifesta no final do 2º ano (em tal estudo não houve a interferência de nenhum treino auditivo específico).

d) - A habilidade de D.A. entretanto, não é completa e igualmente desenvolvida em todos os sujeitos do 2º ano, e metade daqueles que demonstraram baixo nível ao final do 2º ano; foram classificados como "fracos" leitores.

e) O estado da habilidade de Deficiente auditivo / dos ingressantes no 1º ano é altamente preditivo no prognóstico daqueles sujeitos que se tornarão "bons" ou "fracos" leitores. Os escores mais altos de habilidade do D.A. foram proporcionalmente mais característicos dos "bons leitores".

RELAÇÃO DOS DISTÚRBIOS DA FALA COM OS

DISTÚRBIOS DA ARTICULAÇÃO E RESPIRAÇÃO:

A articulação e a respiração tem papéis importantes na formação da palavra.

A qualidade da palavra varia conforme a situação de saúde do indivíduo e depende tanto do comando nervoso como do tônus muscular.

A boa articulação, o falar bem, representa uma atividade motora complexa, feita por numerosos elementos.

O jogo de todo o organismo tendo como resultado a palavra, é regulado pelo córtex cerebral e pelo automatismo auditivo cerebral. Assim, as afecções neurológicas fazem / carga sobre o comando de todo o aparelho que entra em atividade no momento da articulação.

Normalmente, na criança, os movimentos respiratórios tem sua utilização fônica e esta é instintiva e automática.

A respiração se manifesta por um jogo de músculos nas regiões intercostal-diafragmática-abdominal e mais tarde a palavra necessita de muita precisão no comando neuro - motor.

Para respirar corretamente é necessário insistir / num trabalho muscular que visa a ampliação das partes da base do torax.

Na inspiração, o movimento da caixa torácica é visto pela elevação dos lados da mesma e pelo ritmo e amplitude que facilitam a fonação.

A elevação acentuada das espáduas bloqueia a área peitoral e transporta a contração dos músculos do pescoço e da laringe, bloqueando a voz.

Na expiração, a expansão torácica abdominal se retrai, empurrando os pulmões para o alto.

Para uma boa articulação é necessário um certo tempo dedicado a exercícios respiratórios.

RELAÇÃO ENTRE DISTÚBIOS DA FALA E
DA LINGUA E LÁBIOS:

A posição da língua é um dos elementos mais importantes para a palavra falada correta. Ela faz jogo de primeiro plano, para depois com junção de vogais, formar sílabas.

É necessário examinar os comandos da língua e dos lábios nos seus graus de contração e de relaxação.

O comando do véu do paladar deve ser firme, a fim de obter a comunicação faringeo-nasal, um deles que não se comanda, isto é, que não se contraia e se relaxe, provocará uma voz nasal.

Os comandos dos lábios e da face são essenciais para o timbre particular das vogais (a - e - i - o - u) e para as labiais (p - m - b)

É constatado que os exercícios de tomada de consciência reforçam o comando deficiente, localizando os músculos e despertando sensibilidade profunda.

Em crianças pequenas podemos verificar a fala expontânea, apresentando-lhes uma situação agradável, motivando-a adequadamente e anotando suas falhas.

Muitas vezes a criança repete corretamente, as palavras que dizemos, mas erra quando fala expontaneamente. Por isso não se faz somente testes de repetir, mas procura-se a fala expontânea também.

Quando a criança já lê, podemos escrever um trecho em que figurem todos os sons que precisamos pesquisar.

O trabalho da terapia da palavra só deve ser feito, quando superadas as deficiências dos movimentos do corpo e em especial oro-faciais.

A educação oral requer um esforço total por parte da criança, da família e da escola. Para se obter bons resultados, requer-se os seguintes requisitos:

- A educação oral ocupa todas as horas do dia e todos os dias do ano.

- Todas as pessoas que mantêm contato constante com a criança , tomam parte ativa na atividade.

- A educação oral inicia assim que se descobre a surdez.

- A educação oral inicia-se no lar, tornando assim a família parte ativa, especialmente a mãe.

- A educação oral requer atenção quase individual. Os grupos, portanto devem ser limitados, possuindo 8 alunos no máximo.

- Requer professor especializado.

O método oral é uma atividade integral e compreende:

- Treinamento sensorial.

- Leitura Oro - Facial.

- Treino Fono - Articulatório.

- Treinamento auditivo.

- Desenvolvimento da linguagem.

Observação: Nenhum desses requisitos existe de forma isolada.

RELAÇÃO ENTRE DISTÚRBIOS DA FALA E ESQUEMA CORPORAL:

O reconhecimento de uma estrutura gráfica numa imagem, pode se apresentar deficiente acarretando desta maneira, dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita.

A procura do problema na origem, é a dificuldade no conhecimento que a criança tem de sua própria imagem. Quando se fala de imagem de si mesmo, fala-se de esquema corporal, expressão empregada para a representação do próprio corpo, das partes e da relação entre as mesmas.

A criança percebe seu corpo por sua vista, quando o explora e descobre-o pelo toque. Estas duas formas / de "perceber" podem ser voluntárias ou adquiridas. Uma lesão no cérebro perturba o esquema corporal.

A despistagem dos distúrbios do esquema corporal é feita através de uma bateria de testes, especialmente / construídos para evidenciar os diferentes distúrbios de / lateralidade de reconhecimento do próprio corpo e da fi-gura humana.

Para isso usamos situações familiares às crian-ças. Exemplo:- Pegue a bolinha e coloque no seu corpo.

- Para lateralidade usamos os objetos para dar as efeti-vas posições.

- Para reconhecimento da figura humana, aplicamos a pro-va de lacunas com: - o que falta para completar a figura humana.

Para exames de reconhecimento e orientação es-pacial, usamos mostrar partes do corpo do examinador e da figura humana.

Para a motilidade, usamos a mímica e a rítmica.

Para a percepção tátil, usamos fazer o paciente explorar os pontos, forma, contorno, superfície, resistên-cia e qualidade.

Concluindo o esquema corporal, é um conceito derivado do conhecimento q ue temos do nosso próprio corpo, de suas partes e de sua posição relativa. Sob certas con-dições patológicas, esse conhecimento ou parte dele pode estar perdido.

RELAÇÃO ENTRE DISTÚRBIOS DA FALA E RELAXAÇÃO

Um fator importante para a instalação da palavra falada e escrita, num conceito mais amplo, representa o indivíduo em sua integridade: sua capacidade de se relaxar.

Desde o princípio dos séculos, sabemos que os mestres já ensinavam a relaxação nas horas de lazer com a meditação.

Como só conseguimos movimentos através do cérebro, é necessário que o músculo que vai ser solicitado, esteja em relaxação, para poder apresentar uma resposta verdadeira, sem inibição de reflexos.

Para que isso ocorra, o mesmo deve estar em repouso quando não o solicitamos. Há necessidade de um conjunto relaxado, para que, as outras partes o estejam também. Por isso quando falamos em relaxação no trabalho de terapia da palavra, não é o que se lê ou se escreve, mas sim o indivíduo que a transmite, com personalidade, através da expressão corporal.

A REABILITAÇÃO ESCOLAR DO DEFICIENTE AUDITIVO

Essa reabilitação teve seu início no século XVI . Antes disso os surdos eram considerados ineducáveis; pessoas com deficiência sensorial, motor e mental; provindo / daí, a designação surdo-mudo, que significa: ausência de ouvido e incapacidade para articular a palavra.

O Monge Pedro Ponce de Leon iniciou na Espanha, a educação de surdos através do uso de gestos difundidos em alguns mosteiros, como resultado de existir ali, a regra / do silêncio.

Usavam também o alfabeto dactilológico que se baseava na aprendizagem da comunicação gestual.

A partir daí, em outros países começaram a surgir muitos autores que trouxeram notáveis contribuições com / seus escritos.

A comunicação do surdo com o professor se efetuava mediante a linguagem escrita ou dactilológica.

Charle Michel Lespês, chamado de Abade de Lepê , que facilitava aos surdos o acesso às escolas, independente de suas condições econômicas.

Anteriormente os surdos possuíam o ensino individualizado.

Abade de Lepê, criou um método baseado no emprego de senhas metódicas, mediante a ação, de apresentação concreta, estabelecia-se a correspondência entre a senha e a coisa significada.

A Alemanha sempre resistiu ao método das senhas e no decorrer do século XIX, iniciou-se a oposição a este método francês.

M. Stoll obteve êxitos evidentes com o método oral, podendo então comprovar sua eficiência.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS TIDAS
DURANTE O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES
PROFISSIONAIS:-

A criança deficiente auditiva possui duas necessidades específicas, conseqüentes de sua deficiência:

- articular a palavra;
- compreender a linguagem.

Os primeiros anos de vida de uma criança, seja normal ou deficiente, merecerão receber por parte dos pais e professores na pré-escola, carinho e atenção, dedicação, compreensão e despreendimento. Para tal faz-se necessário que o professor esteja capacitado para enfrentar o problema com seriedade. A criança só aprende quando o ambiente oferece condições, ideais e motivadoras para a sua aprendizagem.

Certa vez, tive uma aluna surda, filha de mãe solteira. A mãe trabalhava até tarde da noite e a deixava aos cuidados de um "lar". O lar era uma espécie de abrigo para crianças carentes, daquela comunidade.

A minha aluna, A.P. queria muito morar com a mãe, que só a via nos fins de semana. Ela era uma criança muito lenta, falava mal. Eu a colocava no primeiro banco e falava direto para ela, permitindo que visse meus lábios e assim ela ia, devagar, tinha muitas dificuldades, mas, a medida que conseguíamos dar a ela, um atendimento individual, ela progredia.

Uma tarde ela chegou na escola, radiante, estava muito feliz, pois havia recebido a notícia da mãe, que ganhara um pai e que poderia morar com eles.

Naqueles dias Ana Paula entusiasmou-se por tudo e principalmente pela escola. Só que a alegria durou pouco, e um mês depois, lá estava ela de volta, morando no lar.

Daí para frente nada mais conseguimos, apesar de todo o esforço, carinho e dedicação a ela dispensados.

Não ficou agressiva, mas parou no tempo e no espaço, não deu um passo a frente, por mais que fosse incentivada. Sabíamos que ela tinha condições, mas não queria mais nada. Era sua maneira de agredir a vida que a maltra-

tou e na sua inocência e inconsciência, usava a surdez como motivo para não querer aprender.

Odair R. (1983), 1ª Série, turma repetente, tida como indisciplinado. Com 10 anos de idade, família carente, era o mais velho de cinco irmãos. A mãe trabalhava o dia inteiro. Eles ficavam à própria sorte ou aos cuidados de alguma vizinha caridosa.

Odair, perda auditiva leve, mas suficiente para comprometer sua linguagem.

A escola não tinha fonoaudiólogo, mas conseguimos / via Departamento de Educação Especial, marcar entrevistas para ele. Só que não comparecia às sessões, porque a mãe não / podia levá-lo.

O problema foi ficando insolúvel, e ele acabou desistindo da escola, apesar de todo o esforço de nossa parte para que não o fizesse.

São problemas que marcam, fatos que não poderiam ocorrer, mas que persistem e quem trabalha com crianças indisciplinadas, percebe que na grande maioria, a indisciplina encobre um grande problema, e quando conseguidos chegar a ele, à causa, a indisciplina desaparece.

Só que esse é um trabalho longo e muitas vezes nós perdemos o aluno, antes da solução, quando ela existe.

O que se deve é em alto grau, é incentivar a integração entre pais e professores.

O deficiente precisa sentir que é importante, onde quer que seja. que o problema se apresente. Não pode pensar nunca que é peça descartável e pode ser colocado de lado.

O professor por sua vez, deve preocupar-se em não somente ter a melhor classe, a melhor escola, mas sim, melhores métodos e recursos para atender as dificuldades específicas dos seus alunos, procurando assim formar pessoas integradas e que possam tanto quanto possível, tomar parte na comunidade onde vivem.

O TRABALHO DOS PAIS, DIANTE DE

FILHOS DEFICIENTES AUDITIVOS:-

- Os pais deverão estimular a comunicação oral de sua criança.
 - Falar sempre com ela; sempre que possível no colo.
 - Estimular o uso de brinquedos de imitação.
 - Motivar a criança para que aprenda a usar a percepção visual e leitura labial.
 - Falar sempre de frente para ela, tendo o rosto iluminado.
 - Procurar ampliar o vocabulário da criança, proporcionando-lhes novas experiências. Interressar-se pelos fonemas que ela já aprendeu.
 - Falar com ela sem medo, com certeza de que ela poderá aprender. Ter confiança na sua capacidade.
 - Procurar estimular a auto-confiança na criança, sobre sua capacidade de aprender.
 - Falar, executar uma ação e repetir o que falou. Em seguida pedir para que a criança execute a ação.
 - Cuidar para que a criança, falando bem, não se torne convencida, podendo interferir na reabilitação.
 - Estimular sempre a criança a falar com outros deficientes auditivos.
-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas de aprendizagem encontrados nos deficientes de audição, originam-se de privações de suas oportunidades para adquirir a fala de maneira coerente e, ouvir a fala dos outros.

O primeiro passo no planejamento de um programa educacional para criança surda é a educação dos pais.

A criança surda, poderá ajustar-se melhor ao mundo, tal como ele é, se seus pais forem ajustados.

7 O deficiente auditivo pode aprender melhor e mais / rapidamente a linguagem, e ser alfabetizado, se todas as pessoas envolvidas nesse processo, estiverem realmente interessadas e voltadas para os meios de ensiná-lo.

O encorajamento e a orientação de que os pais necessitam, deve começar no instante em que se diagnostica a perda da audição.

8) A falta de confiança, de incentivo e a rejeição, naturalmente atrasam sua reabilitação e, conseqüentemente, sua integração social.

É importante que o deficiente sinta-se amado e que é indispensável e tem responsabilidades para consigo mesmo e para com os outros. Ele deve sentir-se fazendo parte de um / todo, onde precisa participar e por isso deve aprender.

CONCLUSÕES

Os problemas de aprendizagem encontrados nos deficientes auditivos, como vimos, originam-se de diversos fatores e produzem consequências mais abrangentes do que se imagina.

A alfabetização do deficiente auditivo é o alicerce da sua vida estudantil. Por essa razão deve ser muito sólido.

A falta de respostas limita a aquisição de conceitos, atrasando o desenvolvimento intelectual.

Diferenças existentes entre a audição da palavra, e audição da música, e a necessidade de compreender o sentido e não a curva melódica.

O importante para um professor de educação especial, não é o nome do método que usa, mas sim como o usa na formação de suas crianças.

A discriminação auditiva e inteligência são diretamente relacionadas com o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A articulação da palavra depende tanto do comando nervoso, como do tonus muscular e varia conforme a saúde do aluno.

O esquema corporal é um conceito formado pelo conhecimento que o aluno tem do próprio corpo.

A necessidade de relaxação, para que o músculo / solicitado apresente uma resposta sem inibição de reflexos.

O surgimento de senhas para comunicação entre deficientes auditivos, surgiu na França, mas o método oral pode comprovar sua eficiência na Alemanha.

Para se chegar um dia a uma total reabilitação / escolar, o deficiente auditivo deverá ser estimulado a partir do momento em que é detectada sua deficiência, tornando-se a família a principal responsável pelo seu sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARACIKI, Abigail Muniz. † "Distúrbio da Palavra", Editora Forence † Rio de Janeiro (1983).

CARACIKI, Abigail Muniz. † "Metodo Preparatório para Alfabetização", Editora Forence † Rio de Janeiro (1984).

RUSSO, Ieda C. Pacheco. † "Audiologia Infantil". † São Paulo (1985).

CANONGIA, M. B. † "Manual da Terapia da Palavra", † Rio de Janeiro. Atheneu, (1981).

BLOCK, Pedro. - "Voz e Fala da Criança". *notas da Edição.*

CARVALHO, Neusa Maria Gomide Pacheco. - "Proposta de Treinamento de Pais para atuarem em Estimulações de Crianças, entre quatro e sete anos de idade com Deficiência Auditiva, severa ou extrema". † Curitiba, (1981) *notas editoriais?*

DORIA, Ana Rimoli de Faria. † "Como ajudar uma Criança Surda", M.E.C. † Rio de Janeiro (1967).

MOREIRA, et Alli. † "Subsídios relativos à Avaliação de crianças e jovens suspeitos de Excepcionalidade, para fins Educacionais." † São Paulo, SE/CENP, (1979).

MYKLEBUST, Lelmer. † "Psicologia del Sorda", Madrid - Magisterio Español S.A., (1971).
